

O discurso museal na perspectiva da análise do discurso

The museal discourse in the perspective of discourse analysis

Romulo André Vicente

Universidade Federal Rural de Pernambuco
romulo.vicente@gmail.com

Helaine Sivini Ferreira

Universidade Federal Rural de Pernambuco
hsivini@terra.com.br

Resumo

Partindo do pressuposto que toda instituição, inclusive os museus, possuem um discurso próprio, buscamos caracterizar o discurso museal na exposição – A próxima fronteira – do Observatório Astronômico do Alto da Sé, considerando a Teoria da Análise do Discurso. Nos textos presentes no primeiro e segundo pavimentos da exposição “A próxima fronteira”, podemos perceber uma predominância do funcionamento polêmico na maioria dos textos. Em seu site na internet, a instituição museal propõe ao público uma compreensão do universo de uma maneira *Interativa*. Sendo assim, os textos analisados na exposição, de funcionamento predominantemente polêmico, em nossa percepção estão adequados a proposta da instituição. As disputas presentes nos discursos, fazem com que essa *Interatividade* extrapole o manusear, o participar e se solidifique também, no mergulhar em relação aos sentidos.

Palavras chave: Discurso museal, Observatório astronômico, Popularização da ciência, Museu de astronomia.

Abstract

Based on the assumption that all institutions, including museums, have their own discourse, we seek to characterize the museological discourse in the exhibition - The Next Frontier - of the Astronomical Observatory of Alto da Sé, considering the theory of Discourse Analysis. In the texts present on the first and second floors of the exhibition "The next frontier", we can see a predominance of the controversial functioning. In its website, the museum proposes to the public an understanding of the universe in an Interactive way. Therefore, the texts analyzed in the exposition, with a predominantly polemical operation, in our perception are adequate the institution's proposal. The disputes present in the speeches, make this interactivity extrapolate the manipulate, participate and solidify also, in the dive in relation to the senses.

Key words: Museum speech, Astronomical observatory, Popularization of science, Museum of astronomy.

Introdução

Dentro do universo da pesquisa em ensino de ciências, realizada no Brasil, encontramos entre as novas tendências na Educação Não Formal e divulgação científica, as pesquisas em museus de ciências (MARANDINO, 2006). Os museus de ciência têm se revelado espaços capazes de auxiliar diversos seguimentos da sociedade na construção do conhecimento científico. Os museus de ciências revelam-se espaços dinâmicos e flexíveis, com a capacidade de divulgação de conteúdos científicos em diferentes dimensões e a de proporcionar uma aprendizagem que pode abranger os aspectos cognitivos, afetivos e sociais (FRANÇA, 2014).

Dentro do universo que compreende os museus de ciências nacionais, percebemos que uma parcela destes tem apresentado, em suas exposições, espaços dedicados à divulgação, popularização e educação em astronomia. A proximidade dos fenômenos e conceitos explorados na astronomia com o cotidiano do cidadão, tais como: a passagem do dia e da noite, as constelações, as marés, as fases da Lua, tornam-na uma ferramenta potencialmente útil na popularização e na divulgação científica, como também na educação formal. Além desta potencialidade, a astronomia é uma ciência acessível, “uma vez que o seu laboratório é natural é o céu que está à disposição de todos, favorecendo a cultura científica”, (LANGUI e NARDI, 2012, p. 108). Consideramos o museu de astronomia as instituições que se dedicam a pesquisa, educação, preservação de acervos, divulgação, popularização e história da astronomia.

Nesta pesquisa investigamos o discurso museal em um museu de astronomia, mais especificamente na exposição – A próxima fronteira – presente no Observatório Astronômico do Alto da Sé, localizado na cidade de Olinda-PE.

Discurso Museal

Buscando caracterizar o discurso museal presente na exposição – A próxima fronteira – do Observatório Astronômico do Alto da Sé, adotamos a teoria da Análise do Discurso. Segundo Orlandi (2009), o discurso é a “palavra em movimento”, que não está presa ao sistema de signos ou o sistema de regras formais, esse discurso é o lugar onde pode se observar a relação entre a língua e ideologia. “A análise do discurso considera que a linguagem não é transparente” (ORLANDI, 2009, p. 17), pois ela não evidencia por si só o “como” o discurso foi constituído e dotado de significados. O esforço desta teoria é compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, chegando a analisar os próprios gestos de interpretação, pois terminam interferindo no próprio sentido.

Em nosso cotidiano é possível perceber que certas palavras já nos chegam carregadas de sentidos, mesmo que não conheçamos como se constituíram de tal. Isso se deve ao fato dos sentidos não estarem nos textos, nas palavras, “..., mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. (ORLANDI, 2009. p. 20). Ainda considerando, “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que vale dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (PÊCHEUX, 1988, p.160).

Quando se busca maneiras de analisar o discurso, Orlandi (2009) afirma que são muitas as

tipologias, sendo uma das mais comuns a que reflete a distinção institucional e suas normas. Para a autora, o que caracteriza o discurso é seu modo de funcionamento. Assim, a autora desenvolveu um critério para distinguir diferentes modos de funcionamento dos discursos. Ela usou como referência elementos de sua condição de produção e sua relação com a produção de sentido, com seus efeitos. Distinguiu-se dessa maneira.

a) discurso autoritário: aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor;

b) discurso polêmico: aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa de sentidos;

c) discurso lúdico: aquele em que a polissemia está aberta, o referente está presente como tal, sendo que os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença inteiramente não regulando sua relação com os sentidos. (ORLANDI, 2009, p. 86)

Colocando o discurso presente na exposição – A próxima fronteira – dentro da tipologia específica dos museus, discurso museológico ou museal, buscamos caracterizá-lo.

Metodologia

O trabalho foi desenvolvido no Observatório Astronômico do Alto da Sé, reaberto como museu de astronomia no ano de 2004, pelo Espaço Ciência. A pesquisa teve como objetivo analisar a exposição permanente “A próxima fronteira”, que ocupa os três pavimentos do observatório e são ambientadas nas etapas da exploração espacial, Lua, Marte e Universo, respectivamente.

A análise do discurso museal focou na análise do espaço, acesso ao conhecimento científico e dos textos presentes nos dois pavimentos que abrigam as duas etapas da exploração espacial, Lua e Marte. A exclusão do terceiro pavimento, etapa Universo, se deu por conta da falta de textos presentes na exposição e não estar acessível todos os dias ao público, pois abriga um telescópio e cúpula giratória.

A análise do espaço adotou a caracterização proposta por Cazelli, et al, (2003) que considera a interatividade como elemento importante na caracterização dos museus. Considerando a interatividade os museus seriam divididos em três gerações.

A análise do tipo de acesso ao conhecimento científico, ou seja, caracterização do tipo de estratégia que é utilizada para o acesso ao conhecimento científico, por parte do público considerou as possibilidades: *alfabetização, divulgação ou popularização*, Vicente, (2017).

Por fim, os textos presentes na exposição foram analisados a partir dos diferentes modos de funcionamento do discurso; lúdico, autoritário e polêmico Orlandi (2009). Aqui é importante enfatizar que não se buscou um juízo de valor, mas uma descrição do funcionamento, considerando também improvável encontrá-los em seu estado “puro”.

Discussão

Caracterização do espaço

A exposição “A próxima fronteira” é composta por três ambientes e três pavimentos distintos. A ambientação dos pavimentos consiste por utilizar toda a parede interna do observatório, assim como os pisos e dispendo de textos, aparatos e imagens que caracterizem cada etapa da exploração espacial. Por conta do tipo de construção, seguindo a geometria de um cilindro, a estrutura preserva grande semelhança em cada pavimento. Todo acesso aos pavimentos se dá por meio de uma escada em caracol bem estreita.

O primeiro pavimento abriga a etapa Lua. Na parede estão presentes duas imagens referentes à Lua (uma intercalando as fases e outra de uma cratera), três textos referentes a informações sobre a Lua (formação, propriedade, batismo de crateras) e um texto sobre datas importantes do observatório e da astronomia em Pernambuco. Ainda é possível encontrar no pavimento, três telescópios, um planisfério, uma reprodução do sistema solar em pequena escala, um globo lunar, uma balança que simula seu peso na Lua e uma representação de um astronauta. O piso foi todo coberto com um adesivo que simula o solo lunar de maneira que é possível reproduzir a profundidade das crateras, Figura 1.



Figura1: – Foto panorâmica do ambiente Lua. Fonte: arquivo dos autores.

O segundo piso abriga a etapa Marte. Estão espalhados ao longo da parede dezenove imagens (onze sobre o solo marciano, três sobre o planeta visto do espaço, quatro sobre missões enviadas ao planeta e uma do sistema solar), três janelas abertas e acessíveis à observação com uma luneta, uma balança que simula seu peso em Marte e três textos que abordam a composição da atmosfera marciana, a possibilidade de vida em Marte e sobre a coloração avermelhada do planeta. Assim como no térreo, o piso do segundo pavimento também recebeu um adesivo, mas este simula o solo marciano, Figura 2.



Figura2: – Foto panorâmica do ambiente Marte. Fonte: arquivo dos autores.

Quando caracterizamos o espaço museal, segundo Cazelli, et al, (2003), buscamos entender a relação de interatividade da exposição, com todos seus equipamentos em relação aos visitantes. Para os autores, quando a instituição museal privilegia a interação entre os visitantes e os profissionais do museu, através da utilização de equipamentos e no diálogo sobre questionamentos advindos da exposição, é possível caracterizá-lo como um museu de terceira geração.

Caracterização por acesso ao conhecimento científico

Na caracterização proposta por Vicente (2017), é possível caracterizar os museus, por meio do tipo de estratégia que utilizam para o acesso ao conhecimento científico. Existem no seu entendimento três estratégias: *alfabetização*, *divulgação ou popularização*. As instituições usualmente optam por usar uma estratégia predominante junto ao seu universo de visitantes, (Vicente.2017 p. 39).

Um museu focado na *alfabetização científica* tem suas ações voltadas predominantemente a capacidade de compreender, expressar opinião e leitura sobre assuntos científico, tal instituição é idealizada muito próximo ao modelo formal de ensino, as exposições e atividades de monitores acabam por reforçar as experiências vivenciadas no espaço escolar. Não só em estratégias, mas também na abordagem dos conceitos científicos. Um museu onde o conhecimento científico é abordado por meio da *divulgação científica*, tem como proposta tornar conhecido, transmitir, difundir o conhecimento científico. Diferente da *alfabetização científica*, a *divulgação* ancora-se na possibilidade de aproximar o mundo científico dos “outros mundos” que não o mundo da educação formal. Dentro da dinâmica museal a prioridade é atrair o público em geral, expor a ciência diferente da oferecida em sala de aula e presente no cotidiano.

A intervenção pautada na *popularização da ciência* dentro de um museu de ciências tem como foco o *diálogo horizontal*, que se dá entre diferentes “em torno de questões simples do cotidiano, até avançar para uma compreensão metódica e mais elaborada da realidade”. Este tipo de museu está incorporado a dinâmica do local onde está inserido e utiliza-se da transposição das ideias contidas em textos científicos para a realidade popular.

O observatório do Alto da Sé funciona regularmente de terça a domingo de 16h às 20h e excepcionalmente durante os principais eventos para observação de fenômenos celestes. Atualmente, compõe o acervo do Espaço Ciência, recebendo uma cúpula giratória, dois telescópios e uma exposição temática nos seus três pavimentos, recebendo mais de 50 mil

visitantes por ano.

A estrutura permanece como ponto de conservação e transmissão da tradição científica do lugar. Todas as noites em que funciona o observatório dispõe de um telescópio na área externa, onde turistas, comerciantes, guias e toda espécie de transeuntes pode entrar em contato com os astros, sem a necessidade do assessoramento de uma transposição da linguagem. O observatório do Alto da Sé possibilita aos visitantes e vizinhos um acesso ao conhecimento científico por meio da popularização, seja por meio da sua presença que remete ao conhecimento astronômico, seja por conta do contato direto com planetas, estrelas, cometas, satélites, remetendo as suas experiências e saberes.

Caracterização dos textos

Somando os dois pavimentos analisados neste trabalho, encontramos o total de sete textos. Assim, sobre como os textos são expostos aos visitantes existe uma uniformidade tanto na maneira quanto no tamanho. Ainda sobre a apresentação, os textos estão na cor branca em contraste com o fundo de cada pavimento temático, preto no pavimento Lua e vermelho no pavimento Marte.

A linguagem presente nos textos, em sua maioria, intercala o uso de termos científicos e linguagem coloquial (vulgarizado). Como no exemplo deste texto presente no pavimento Lua, (Texto 1).

A Lua é Filha da Terra?

A lua surgiu quando um asteroide do tamanho de Marte colidiu com a **jovem Terra**, há quase cinco bilhões de anos. Os fragmentos desta imensa colisão inicialmente formaram um anel em torno da Terra, e com o tempo, se aglomeraram, dando origem a um novo **grande corpo celeste** – a nossa Lua. [Texto 1, grifo dos autores.]

A mistura de termos científicos e uma linguagem mais coloquial colabora para que o visitante dialogue com a exposição “o texto de vulgarização reformula o sentido do texto original, sendo possível comparar o trabalho realizado nele com aquele feito pelos tradutores”, (MARANDINO, 2001, p. 216). A familiaridade de alguns termos presentes no texto contempla o público heterogêneo que frequenta o observatório.

Quando analisamos o discurso museal presente nos textos, quanto ao seu funcionamento, encontramos misturas entre os discursos autoritário, lúdico e polêmico. As articulações tenderam de forma dominante ao discurso polêmico, uma polissemia controlada. É possível perceber essas características nos textos presentes nos dois pavimentos, Lua e Marte, discursos semelhantes em mensagens distintas. No pavimento Lua, encontramos o seguinte em sua exposição o (Texto 2).

A Quem pertence a Lua?

A quem pertencerão os recursos naturais da Lunares?

Aos países que mais investem na pesquisa espacial?

A empresas privadas interessadas em explora-los?

Ou a toda comunidade internacional, ou seja, a toda humanidade? Para os poetas, “todos eles estão errados, a Lua é dos namorados”. O problema hoje, não é lírico nem lunático. Com as recentes descobertas da distribuição

mineral e química da superfície da Lua além da natural posição estratégica do satélite saber de quem é a Lua tornou-se um problema real. E você, o que acha? [Texto 2]

“A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (ORLANDI, 2009, p. 36). O texto referente a quem pertence a propriedade da Lua é um exemplo de um texto com um funcionamento dominante *polêmico*, pois o locutor não é o agente exclusivo, mas ainda existe certa regulação nos sentidos. As perguntas trazem os interlocutores para disputarem o referente, o que já foi dito sobre a Lua, o dizível, a memória, sofre rupturas, deslocamentos no processo de significação, como no trecho onde se pergunta “A quem pertence a Lua?”. Mas as rupturas e deslocamentos terminam sendo controlados dentro do próprio discurso, direcionando a “possíveis donos”, tais como empresas privadas. Mesmo com o discurso polêmico predominante, ainda é possível perceber um discurso autoritário quando se afirmar, “a Lua se tornou um problema real”. Por fim ainda é possível perceber um discurso lúdico, quando surge a pergunta, “E você, o que acha? ”, a polissemia está aberta.

Considerações Finais

Ao analisar os textos presentes no primeiro e segundo pavimentos da exposição “A próxima fronteira”, podemos perceber uma predominância do funcionamento polêmico na maioria deles. A linguagem presente nos textos abrange tanto o vocabulário científico, quanto o coloquial, facilitando, assim, a imersão e construção de sentidos. Em seu site na internet, a instituição museal propõe ao público uma compreensão do universo de uma maneira *Interativa*. Sendo assim, os textos analisados na exposição, de funcionamento predominantemente polêmico, em nossa percepção estão adequados a proposta da instituição. As disputas presentes nos discursos, fazem com que essa *Interatividade* extrapole o manusear, o participar e se solidifique também, no mergulhar em relação aos sentidos.

Em relação a presença de funcionamentos lúdicos e autoritários, dentro dos discursos, acreditamos que fazem parte do grande esforço da instituição em ajudar o público a compreender o Universo, expondo também aquilo que *já foi dito*. Não é intenção do trabalho propor um juízo de valor entre os modos de funcionamento do discurso, fazendo parecer que a denominação polêmica é superior a denominação lúdica e autoritária. Muito pelo contrário, procuramos expor a importância destes discursos na produção dos sentidos dos textos presentes numa exposição.

Portanto, a caracterização do discurso presente nas exposições a partir do seu modo de funcionamento, sinaliza que tipo de constituições são possíveis dentro do espaço museal. Predominantemente em museus onde a principal estratégia de acesso ao conhecimento científico é a popularização, pois a abordagem é negociada e centrada no visitante. Este visitante pode ou não solicitar o auxílio de monitores, ficando muitas vezes em contato quase que exclusivo com o discurso presente nos textos.

Referências

CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D. C. Educação em museus de ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In GOUVÊA, G.; MARANDINO, M.; LEAL, M. **Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, p. 83-106, 2003.

FRANÇA, Suzane B. **Aprendizagem da mediação em museus de ciências**. Tese de

Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2014.

LANGUI, R; NARDI, R. **Educação em astronomia: repensando a formação de professores**. São Paulo, Escrituras Editora, Coleção Educação para a Ciência, vol. 11, 2012.

MARANDINO, M. **O conhecimento biológico nas exposições de museus de ciências: análise do processo de construção do discurso expositivo**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MARANDINO, M. Perspectivas da Pesquisa Educacional em Museus de Ciências. In: SANTOS, Flavia M. T. dos; GREGA, Ileana M. (Org.). **A Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil e suas Metodologias**. Ijuí, 2006, v. 1, p. 89-122.

PÊCHEUX, Michel (1988). **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. brasil. Campinas: Pontes, 1993.

ORLANDI, E.P. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 11 ed. Campinas: Pontes, 2009.

VICENTE, R. A. **Aprendizagens desenvolvidas por monitores na atividade de mediação em museus de astronomia**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017.